

ARTISTA
RENATA FREITAS

LUGAR DE PODER:

Muito mais que um rosto bonito

RENATA FREITAS
Lugar de Poder: muito mais que um rosto bonito
Locus of Power: Beauty Is Not the Measure

© Renata Oliveira Teixeira de Freitas.
-

6 de maio a 6 de junho de 2025
From the 6th of May to the 6th of June, 2025

Curadoria | *Curatorship*
Francela Carrera

Produção da exposição | *Exhibition production*
Paulo H Rosa - Galeria Poente

Este catálogo faz parte do projeto Representatividade Feminina - Contrato nº 025/FMC/2024, recursos do Fundo Municipal de Cultura, Edital nº 002/P/2024 – Criação e Exposição em Artes Visuais, com financiamento da Fundação Cultural Cassiano Ricardo. *This catalog is part of the project Female Representation – Contract No. 025/FMC/2024, funded by the Municipal Culture Fund, Call for Proposals No. 002/P/2024 – Creation and Exhibition in Visual Arts, with support from the Cassiano Ricardo Cultural Foundation.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freitas, Renata
Lugar de poder : muito mais que um rosto bonito / Renata Freitas. -- São José dos Campos, SP : Ed. da Autora, 2025.

Edição bilíngue: português/inglês
ISBN 978-65-01-65865-0

1. Artes - Exposições - Catálogos 2. Artes visuais
3. Mulheres na arte I. Título.

25-296485.0 CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Catálogos de exposições 700.74

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Sumário

A PALAVRA MULHER | THE WORD WOMAN.....14

LOBBY DO BATOM | LIPSTICK LOBBY.....17

AS CARTAS DELAS VÊM DE TODO BRASIL |

THEIR LETTERS COME FROM ALL OVER BRAZIL.....18

MEU PODER EU GUARDO COMIGO |

I CARRY MY POWER WITHIN ME.....19

NÓS, MULHERES BRASILEIRAS | WE, BRAZILIAN WOMEN.....20

MUITO MAIS QUE UM ROSTO BONITO |

BEAUTY IS NOT THE MEASURE.....22

A SESSÃO DAS MARIAS | THE MARIAS’ VOTING SECTION.....24

DO SEU TEMPO | ZEITGEIST.....25

AS CADEIRAS DA IMORTALIDADE | IMMORTALITY’S CHAIRS.....26

NÃO TOLERAREI | I REFUSE TO TOLERATE.....27

SOMOS OU NÃO SOMOS CIDADÃS BRASILEIRAS? |

ARE WE WOMEN, BRAZILIAN CITIZENS OR NOT?.....28

APERTO DE MÃO | HANDSHAKE.....29

REPRESENTATIVIDADE FEMININA | FEMALE REPRESENTATION.....30

QUEM É VOCÊ? | WHO ARE YOU?.....32

VEM SEM MANUAL | COMES WITHOUT A MANUAL.....34

DEMOCRACIA EM PROCESSO | DEMOCRACY IN THE MAKING..... 36

PERIÓDICO LUGAR DE PODER | LOCUS OF POWER..... 38

SOBRE A ARTISTA | ABOUT THE ARTIST.....52

SOBRE A EXPOSIÇÃO | ABOUT THE EXHIBITION54



A exposição **Lugar de Poder: muito mais que um rosto bonito** parte do projeto *Representatividade Feminina* uma pesquisa crítica e visual da artista Renata Freitas, que apresenta com rigor conceitual e sensibilidade estética, a construção social da imagem da mulher e os limites estruturais que moldam sua atuação na sociedade contemporânea. Ao longo dos últimos anos, Renata Freitas tem se debruçado sobre os atravessamentos entre gênero, liderança e poder, articulando diferentes linguagens como pintura, lambe-lambe, colagem, escultura e multimeios para dar visibilidade à ausência feminina nos espaços de decisão.

Com experiência no meio corporativo, a artista parte de um contexto concreto: o silenciamento e a sub-representação das mulheres em cargos de liderança, mesmo diante de discursos institucionais que se proclamam inclusivos. Renata transforma essa tensão em linguagem visual, propondo uma poética que transita entre a documentação, a ironia e a urgência política. Obras como o livro *Representatividade Feminina* e a obra interativa *Vem sem manual* revelam a força de uma pesquisa ancorada em dados reais, coletados por meio de diferentes mídias, dados estatísticos e análises de relatórios institucionais no Brasil.

A artista não apenas denuncia desigualdades, mas convida o público à reflexão e ao envolvimento direto. Ao transformar cenas históricas sobre as lutas das mulheres por um espaço político ativo em pinturas e colagens, com uma paleta marcada por tons terrosos e composições que remetem à solidez dos espaços hierárquicos, como os escritórios das

*The exhibition *Locus of Power: Beauty Is Not the Measure* stems from the project *Female Representativity*, a critical and visual research by artist Renata Freitas. With conceptual rigor and aesthetic sensitivity, she explores the social construction of the female image and the structural limits that shape women's presence and action in contemporary society.*

Over the past years, Renata Freitas has focused her work on the intersections of gender, leadership, and power, weaving together various media—painting, wheatpaste posters, collage, sculpture, and multimedia—to expose the absence of women in decision-making spaces.

*With a background in the corporate world, the artist starts from a concrete context: the silencing and underrepresentation of women in leadership roles, even within institutions that claim to uphold inclusive values. Renata transforms this tension into visual language, offering a poetics that moves between documentation, irony, and political urgency. Works such as the book *Female Representativity* and the interactive piece *Vem Sem Manual* ("Comes Without a Manual") reveal the strength of a research-based practice grounded in real data, gathered through multiple media platforms, statistical records, and institutional reports in Brazil.*

Renata not only denounces inequalities, but invites reflection and

décadas de 1970 e 1980, as obras, em sua totalidade, questionam quem ocupou e ainda ocupa esses lugares de decisão. Dessa forma, Renata constrói um repertório visual que dialoga com a memória coletiva das lutas feministas, o cotidiano e a história das mulheres brasileiras.

Renata Freitas propõe uma arte que identifica, documenta e questiona. Ao unir investigação empírica, sensibilidade plástica e engajamento político, sua obra se consolida como um registro fundamental das contradições e esperanças do nosso tempo. Em um momento histórico em que a presença feminina em espaços de poder ainda é exceção, sua produção nos convida a imaginar e repensar novos futuros em que a representatividade não se limite ao simbólico, mas se enraíze de forma real e transformadora em nossa atualidade.

direct engagement. By transforming historical scenes of women's struggles for political space into paintings and collages—using a palette of earthy tones and compositions that evoke the solidity of hierarchical spaces, such as offices from the 1970s and 1980s—her works as a whole question who has occupied and continues to occupy these places of decision-making. In doing so, she builds a visual repertoire that dialogues with the collective memory of feminist struggles, the everyday, and the broader history of Brazilian women.

Renata Freitas proposes an art that identifies, documents, and questions. By uniting empirical investigation, visual sensitivity, and political engagement, her work becomes a vital record of the contradictions and hopes of our time. In a historical moment when the presence of women in positions of power remains an exception, her practice invites us to imagine and rethink new futures in which representativity is not merely symbolic, but rooted in real and transformative change.

Francela Carrera
Curadoria | Curatorship









A palavra mulher
The word woman

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela
Oil paint and oil stick on canvas
 270 x 192cm
 2025



Lobby do batom
Lipstick Lobby

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela
Oil paint and oil stick on canvas
 270 x 192cm
 2025



As cartas delas vêm de todo Brasil

Their letters come from all over Brazil

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela

Oil paint and oil stick on canvas

160 x 238cm

2025



Meu poder eu guardo comigo

I carry my power within me

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela

Oil paint and oil stick on canvas

160 x 238cm

2025



Nós, mulheres brasileiras

We, brazilian women

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela

Oil paint and oil stick on canvas

270 x 192cm

2025



Muito mais que um rosto bonito
Beauty is not the measure

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela
Oil paint and oil stick on canvas
270 x 192cm
2025



A sessão das Marias

The Marias' voting section

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela

Oil paint and oil stick on canvas

100 x 100cm

2025



Do seu tempo

Zeitgeist

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela

Oil paint and oil stick on canvas

270 x 192cm

2025



As cadeiras da imortalidade

Immortality's chairs

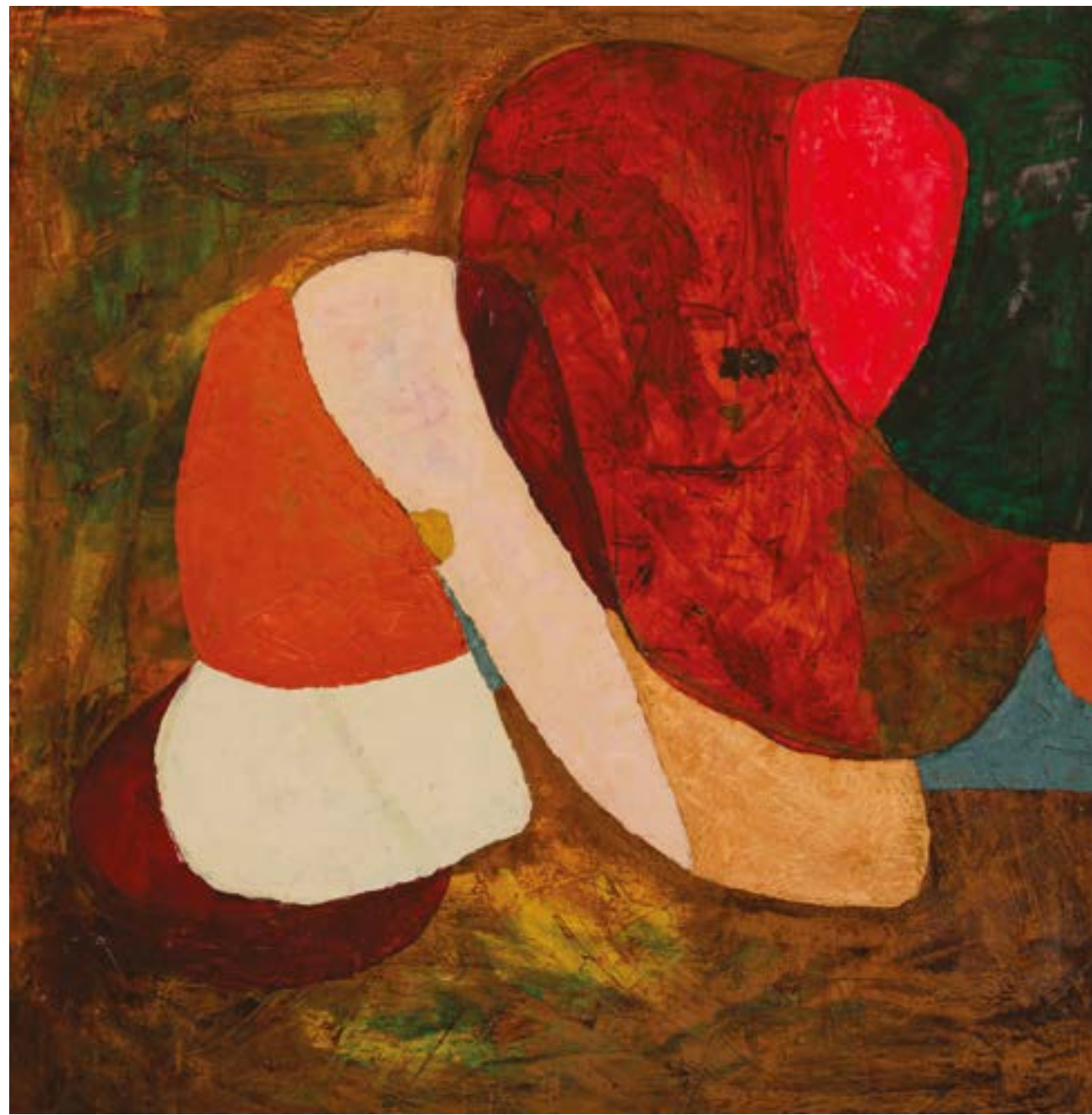
Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela

Oil paint and oil stick on canvas

100 x 100cm

2025

26



Não tolerarei

I refuse to tolerate

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela

Oil paint and oil stick on canvas

100 x 100cm

2025

27



Somos ou não somos cidadãs brasileiras?

Are we women, brazilian citizens or not?

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela

Oil paint and oil stick on canvas

100 x 100cm

2025

28



Aperto de mão

Handshake

Tinta óleo e bastão a óleo sobre tela

Oil paint and oil stick on canvas

100 x 100cm

2025

29



Livro de artista criado a partir de 52 recortes do jornal *O Estado de São Paulo*, coletados aos domingos durante 2024. A seleção reúne registros semanais de promoções em altos cargos nas maiores empresas do país.

A obra analisa quantas promoções foram feitas e quantas foram destinadas a mulheres, propondo uma reflexão crítica sobre a desigualdade de gênero no poder corporativo.

Os recortes foram organizados em um livro sanfonado com intervenções de carimbos, formando um campo visual e simbólico que tensiona o discurso jornalístico e revela, de forma sensível e impactante, a persistência da disparidade estrutural.

Representatividade feminina

Female representation

Recortes de jornal, intervenção com carimbos sobre lona de algodão cru
Newspaper clippings, stamped intervention on raw cotton canvas
 500 x 13,5cm
 2025

*Artist's book created from 52 newspaper clippings of *O Estado de São Paulo*, collected every Sunday throughout 2024. The selection compiles weekly records of promotions to senior positions in the country's largest companies.*

The work analyzes how many promotions occurred and how many were awarded to women, offering a critical reflection on gender inequality in corporate power.

The clippings are arranged in an accordion-style book with stamp interventions, creating a visual and symbolic field that challenges the journalistic narrative and reveals, sensitively and powerfully, the persistence of structural disparity.





Quem é você?

Who are you?

Obra interativa em serigrafia sobre lona

Interactive work in silkscreen on canvas

140 x 200cm

2025

32





A obra é um jogo de montagem em grande escala, formado por peças de cores, texturas e tamanhos variados. Cada face possui tiras de velcro complementares, permitindo múltiplas combinações e encaixes. Sem manual de instruções, a proposta rompe com a ideia de um único modo “correto” de montar, incentivando a experimentação livre e a reflexão sobre etiquetas e normas sociais.

The artwork is a large-scale assembly game composed of pieces in various colors, textures, and sizes. Each face has complementary Velcro strips, allowing multiple combinations and connections. Without instructions, the piece challenges the idea of a single “correct” way to assemble, encouraging free experimentation and reflection on labels and social norms.

Vem sem manual

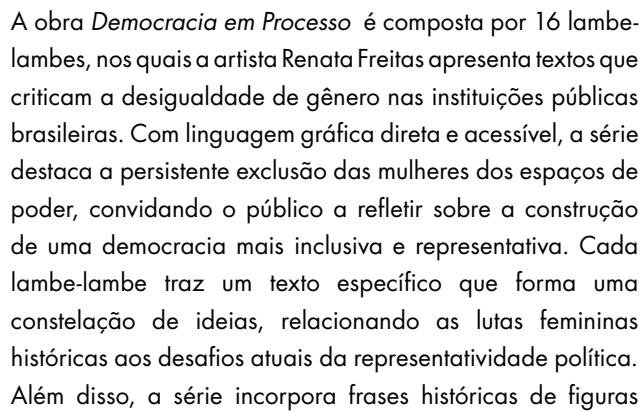
Comes without a manual

Veludo, couroina, linho e velcro
18 peças tridimensionais de tamanhos diversos

*Velvet, faux leather, linen, and Velcro
18 three-dimensional pieces of various sizes*

180 x180 x180cm

2025



The artwork *Democracy in the Making* consists of 16 lambes lambes (wheatpaste posters) in which artist Renata Freitas presents texts critically addressing gender inequality in Brazilian public institutions. Using direct and accessible graphic language, the series highlights the persistent exclusion of women from

positions of power, inviting the audience to reflect on building a more inclusive and representative democracy. Each *lambe-lambe* features a specific text that forms a constellation of ideas, connecting historical feminist struggles with current challenges in political representation. Additionally, the series incorporates historical quotes from key figures involved in Brazil's democratic development, creating a dialogue between ideals of freedom, justice, and equality and the critique of gender inequality, broadening the reflection on the paths and challenges of democracy in the country.

Democracy in the making

37

Lugar de Poder: *Muito mais que um rosto bonito*

por Renata Freitas

*A presença de mulheres em cargos de liderança é um termômetro da democracia e da equidade em qualquer sociedade. A exposição **Lugar de Poder: Muito mais que um rosto bonito** parte dessa premissa para construir um mosaico de imagens, documentos, relatos e obras que refletem o percurso histórico e contemporâneo das mulheres brasileiras rumo aos espaços de decisão.*

É sabido que, por muito tempo, os espaços de poder foram estruturados para serem ocupados por homens. Às mulheres, restava o papel de apoio, escuta e retaguarda. Esse modelo excludente, embora formalmente superado, ainda persiste em dinâmicas institucionais e se revela em estatísticas alarmantes. Segundo o IBGE (2023), embora representem 51,1% da população brasileira, as mulheres ocupam apenas 39,1% dos cargos gerenciais no país. A desigualdade se intensifica nos postos de liderança máxima: apenas 17% das empresas têm uma mulher na posição de CEO, conforme aponta o relatório do Instituto Ethos, em parceria com o BID e a ONU Mulheres. Essa ausência não é reflexo de falta de competência ou qualificação. Dados da PNAD Contínua do IBGE (2022) mostram que as mulheres brasileiras têm, em média, mais anos de estudo que os homens: 9,8 anos contra 9,1. Apesar disso, seguem recebendo, em média, 22% a menos que seus colegas homens nas mesmas funções. A equação é clara: o sistema ainda impõe barreiras invisíveis – e visíveis – à ascensão feminina. Um exemplo emblemático dessa exclusão histórica é o fato de que, até 2016, o Congresso Nacional não dispunha de banheiro feminino no plenário do Senado — um sinal eloquente da ausência prolongada de mulheres nesses espaços de decisão. Ainda no campo legislativo, a precariedade institucional se mantém evidente: a licença-maternidade para parlamentares, sobretudo em níveis estaduais e municipais, continua sem previsão ou regulamentação nos regimentos internos da maioria das assembleias legislativas e câmaras municipais do país.

Na prática, isso significa que, quando uma parlamentar precisa se afastar por maternidade, não há diretrizes claras sobre como será feita a substituição ou a continuidade do mandato. Essa lacuna normativa gera insegurança jurídica e, ainda mais preocupante, pode resultar na suspensão temporária da representação política feminina. A esse contexto soma-se outro dado revelador: a tipificação da violência política contra a mulher no Brasil é uma conquista legislativa recente. Apenas em 2021 essa forma de violência passou a ser reconhecida e incorporada ao ordenamento jurídico nacional um passo fundamental para assegurar a

equidade de gênero no exercício pleno dos direitos políticos.

Esse cenário vem sendo sistematicamente denunciado por ativistas, parlamentares e organizações da sociedade civil como um dos principais obstáculos à igualdade de gênero na política. Ele revela como as instituições brasileiras ainda funcionam sob uma lógica historicamente excludente — uma lógica que falha em contemplar, de forma plena e equitativa, as realidades e necessidades das mulheres no exercício do poder. Complementando essa análise estrutural de exclusão, uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), realizada em 2021, revelou que apenas 13% dos cargos de liderança nas 500 maiores empresas brasileiras são ocupados por mulheres negras — grupo que enfrenta, simultaneamente, os efeitos do racismo e do machismo estrutural. Trata-se de uma invisibilidade persistente, tantas vezes naturalizada a ponto de sequer ser percebida. Este projeto expositivo se propõe justamente a romper com esse ciclo de apagamento: tornar visível quem sempre esteve presente — mulheres que sempre trabalharam, lideraram e sustentaram comunidades, mas que, historicamente, não tiveram seus nomes inscritos nas placas de mármore ou nos registros do poder.

De acordo com o Fórum Econômico Mundial (2023), o Brasil ocupa a 57ª posição no ranking global de igualdade de gênero — atrás de países como Ruanda, Filipinas e Bolívia. A projeção internacional é alarmante: se mantido o ritmo atual, o mundo levará cerca de 131 anos para alcançar a paridade plena entre homens e mulheres. Diante dessa estimativa, não resta dúvida de que há urgência. A arte, enquanto campo de crítica, memória e imaginação, tem um papel essencial na aceleração desse processo — criando futuros possíveis onde hoje predominam lacunas, silêncios e omissões.

Lugar de poder é lugar de escuta, construção e mudança

Se esta exposição parte da pergunta “quem representa o Brasil?”, ela não oferece respostas únicas, mas propõe múltiplas escutas. Cada obra, cada dado, cada imagem aqui presente é um chamado à ação — um convite a reconhecer

que a presença feminina nos espaços de decisão é uma questão de justiça, de democracia e de humanidade.

O lugar de poder não pode continuar sendo privilégio de poucos. É território a ser disputado, reimaginado, ocupado — não apenas com rostos bonitos, mas com vozes, corpos e ideias que historicamente foram silenciados. Como aponta a filósofa e pesquisadora Djamila Ribeiro em suas obras, não se trata apenas de incluir mulheres em espaços de poder, mas de transformar as estruturas que historicamente as excluíram.

Em 2024, Erika Hilton, a primeira deputada federal negra e trans eleita no Brasil, foi agredida verbalmente por um colega a quem respondeu com o icônico discurso. *Não tolerarei* homenageia a resistência e resiliência da mulher através do discurso de Erika: “Não tolerarei, ser desrespeitada, interrompida ou colocada em comparações de baixo calão e de baixo nível. E aqueles que o fugir desta diplomacia terão que responder criminalmente por qualquer tentativa estereotipada e criminoso da minha identidade.” A exclusão feminina se repete em diferentes esferas do poder. A obra ***Cadeiras da Imortalidade*** destaca a história da Academia Brasileira de Letras, criada em 1897. Somente em 1977, Rachel de Queiroz foi aceita como a primeira mulher imortal. De lá até hoje, das 294 pessoas que já ocuparam as 40 cadeiras da ABL, apenas 12 são mulheres. A primeira escritora negra, Ana Maria Gonçalves, foi eleita em julho de 2025. Nenhuma delas indígena ou trans até o momento.

Somos ou não somos cidadãs brasileiras? A pergunta, feita por Mietta Santiago a Getúlio Vargas em 1931, ressoou como um grito de urgência na residência do então chefe do governo provisório, em Belo Horizonte. A cena marcou um dos momentos mais emblemáticos da luta pelo sufrágio feminino no Brasil, quando lideranças da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) pressionaram Vargas para garantir a inclusão das mulheres no sistema eleitoral. Diante da hesitação de Vargas em assumir um compromisso direto com a pauta, Mietta lançou a indagação que ecoaria nas décadas seguintes como símbolo da exclusão estrutural enfrentada pelas mulheres brasileiras. Mietta, advogada, poeta e ativista mineira, já havia feito história ao impetrar um mandado de segurança em 1928 que lhe garantiu o direito de votar, com base na interpretação do artigo 70 da Constituição de 1891 — que falava em “cidadãos brasileiros” sem especificar o gênero. Sua vitória abriu precedentes e fortaleceu o movimento liderado por Bertha Lutz no Rio de Janeiro e por outras sufragistas em diversas regiões do país. A pressão organizada foi tamanha que, em 1932, o novo Código Eleitoral finalmente reconheceu o direito ao voto das mulheres no Brasil — ainda que, inicialmente, restrito a aquelas com renda própria ou cargos públicos.

Mas a conquista do sufrágio não foi apenas legislativa — foi logística, política e social. Em um país em que as mulheres eram amplamente desencorajadas a participar da vida pública, ir às urnas exigia romper barreiras práticas e simbólicas. Para isso, as sufragistas desenvolveram uma série de estratégias. Entre elas, a criação de creches especiais no dia da eleição, para que mães pudessem votar sem se preocupar com os cuidados dos filhos. Também organizaram redes de carona e mobilização entre vizinhas e colegas, para garantir que o máximo de eleitoras comparecesse. O esforço foi tão marcante que, nas primeiras eleições com participação feminina, foi instituída uma área específica nas seções eleitorais chamada “Sessão das Marias” — um espaço simbólico, mas também segregado, que revelava tanto a conquista quanto os limites da inclusão naquele momento histórico.

A obra ***A sessão das Marias***, parte da exposição Lugar de Poder: muito mais que um rosto bonito, mergulha nesse episódio pouco conhecido da história política nacional. Por meio de documentos, registros visuais e reinterpretações artísticas, a instalação reconstrói o ambiente dessas primeiras urnas femininas, questionando: por que foi necessário separar as eleitoras? O que esse gesto revela sobre a forma como a presença feminina foi tolerada, e não plenamente aceita, nos espaços de decisão?

Já a obra ***Somos ou não somos cidadãs brasileiras?*** reencena o momento do confronto verbal entre Mietta Santiago e Getúlio Vargas como um marco de insurgência política. A pergunta, ressignificada no espaço expositivo, se transforma em provocação permanente: até que ponto a cidadania plena das mulheres foi — e continua sendo — condicionada, limitada e adiada? Ao reunir essas obras em diálogo, a exposição resgata episódios fundamentais da luta pelo direito ao voto feminino e convida o público a refletir sobre os desafios que persistem. Porque democracia não se faz apenas com o direito ao voto — ela exige voz, presença e poder real de decisão.

Não se trata de celebrar ícones isolados, mas denunciar estruturas, apresentar dados, valorizar memórias e provocar pensamento. Em tempos de retrocessos e resistências, fazer essa escuta é, também, uma forma de governar o futuro.

Reconhecer agora: o tempo e o gesto como atos políticos

Duas obras da exposição Lugar de Poder: muito mais que um rosto bonito nos lembram que o reconhecimento feminino não deve ser postergado ao futuro, nem relegado à memória. Na obra ***Do seu Tempo***, a artista propõe um manifesto visual contra a homenagem póstuma — essa tendência tão comum de só valorizar mulheres quando já não estão mais

entre nós. A obra questiona o elogio recorrente às “mulheres à frente do seu tempo”, expressão que muitas vezes mascara a negligência com que se tratam contribuições femininas no presente. A obra é um chamado à urgência do agora. Celebra mulheres que moldam o contemporâneo com seus gestos, decisões, criações e resistências. E nos convoca a um compromisso ético: reconhecer, em vida, aquelas que movem estruturas e reconfiguram horizontes. Porque esperar pelo futuro para valorizar o que é feito hoje é uma forma de silenciamento.

Ao lado dela, a obra ***Aperto de Mão*** apresenta um símbolo direto e potente: o gesto de igualdade. Trata-se de um acordo, mas não de submissão — é o encontro de quem se vê como par. O aperto de mãos aqui é metáfora e imagem do respeito mútuo, do equilíbrio possível entre seres humanos. Em tempos de desigualdade estrutural, o gesto simples se transforma em um ato político. Juntas, as duas obras dialogam sobre tempo e relação. Uma nos diz: reconhecer mulheres não pode ser um ato retroativo. A outra insiste: a equidade só se realiza quando deixamos de medir forças e passamos a construir em conjunto. Ambas falam de presente — e é nele que o poder das mulheres deve ser legitimado. Não depois. Não em memória. Mas agora.

Das mãos à Constituição: a carta que mudou o Brasil

Mulheres de todas as regiões do país uniram suas vozes e conquistas na histórica Carta das Mulheres, que garantiu direitos fundamentais na Constituição de 1988. Nos anos que antecederam a Constituição de 1988, mulheres organizadas no CNDM (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher), conhecidas como o “Lobby do Batom”, reuniram cartas enviadas por mulheres de todas as regiões do Brasil. Essas cartas foram escritas por mãos que trabalham na terra, na fábrica, na escola, no lar. Vieram de zonas rurais e urbanas, com reivindicações por direitos básicos, igualdade e justiça.

A obra ***As cartas delas vêm de todo o Brasil*** conta a história de centenas de mulheres que participaram desse movimento fundamental de participação civil. A carta foi apresentada à Assembleia Constituinte com a emblemática assinatura feito por Ana, Maria, Joana, Amparo... ***“Nós, mulheres brasileiras.”*** Foi o movimento coletivo feminino mais bem-sucedido da história política do país. 85% das propostas indicadas na Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes foram incorporadas na Constituição de 1988. O momento da conquista foi registrado em uma fotografia histórica no plenário do Senado: mulheres de diversas origens celebrando com os braços erguidos, flores nas mãos e cartazes nas galerias. Era a vitória do Lobby do Batom.

A obra ***Lobby do Batom***, inspirada diretamente nessa imagem, transforma o registro fotográfico em símbolo de conquista coletiva. Ao destacar os gestos de celebração e a presença das mulheres naquele espaço de poder, a obra reafirma o lugar político daquelas que ajudaram a escrever a Constituição com suas próprias mãos.

Olhares escondidos, poder revelado

Em 2011, a presidenta Dilma Rousseff sancionou duas leis fundamentais para a transparência e a preservação da memória histórica do Brasil. A primeira criou a Comissão Nacional da Verdade, responsável por investigar as graves violações aos direitos humanos cometidas entre 1946 e 1988, período que inclui a ditadura militar (1964-1985). A segunda foi a Lei de Acesso à Informação Pública, que pôs fim ao sigilo eterno de documentos oficiais, permitindo o acesso a arquivos antes inacessíveis. Entre os documentos e imagens liberados, destaca-se uma fotografia do julgamento da própria Dilma. Na imagem, ela aparece sentada, com olhar firme e distante, enquanto os homens ao seu redor, seus torturadores, escondem seus rostos — um gesto de covardia e vergonha diante da presença da câmera, como se quisessem apagar o próprio crime. Essa foto inspirou a obra ***Meu poder eu guardo comigo***, que resgata a frase da presidenta durante seu tempo de prisão: “Eles querem que você perca a dignidade”, evoca a força interior e a resistência que sustentaram Dilma e tantas outras mulheres durante os anos sombrios da ditadura, reforçando a importância da memória e da luta pelos direitos humanos.

Não era flor, uma dama ou um bibêlo. Era deputada. Era prefeita. Era ministra. Era poeta. Era cientista.

Em um país onde as mulheres são maioria da população, mas minoria nos espaços de decisão, a imagem ainda é um campo de disputa política. Fotografias de ontem e de hoje ajudam a narrar uma história marcada por conquistas lentas, invisibilizações e resistências persistentes. No dia 24 de fevereiro de 1932, o Brasil dava um passo decisivo em direção à democracia ao reconhecer oficialmente o direito ao voto feminino. O avanço, embora tardio e limitado — já que só beneficiava mulheres alfabetizadas —, representou uma ruptura com séculos de exclusão e o prenúncio de uma luta que está longe de terminar. Entre os marcos simbólicos dessa trajetória, destaca-se a imagem de Carlota Pereira de Queirós, médica e educadora, assinando a Constituição de 1934. Primeira deputada federal do Brasil, Carlota foi também a única mulher presente na Assembleia Constituinte daquele ano. A fotografia registra o momento solene em que, de pé, firme, com a caneta em punho, ela inscreve o nome das mulheres brasileiras na história política

do país.

Quarenta e cinco anos depois, Eunice Michiles — a primeira mulher a ocupar uma cadeira no Senado Federal após a redemocratização — é retratada sentada à mesa, com um buquê de flores cuidadosamente disposto à sua frente. O gesto, embora à primeira vista pareça cortês, carrega camadas de simbolismo e ambiguidade. Em entrevista, a própria Eunice relembra sua posse em 1979: “Fui recebida com flores e poesia – o que não deixou de ser uma discriminação. Eu percebi logo que foi uma recepção à Senhora, à dama, e não à colega.” A imagem cristaliza o contraste entre a celebração da presença feminina e a dificuldade em reconhecê-la como equivalente política. As flores, que poderiam simbolizar boas-vindas, tornam-se, sob uma leitura crítica, emblema da resistência sutil diante de uma mulher que ousava ocupar um espaço historicamente reservado aos homens. Antes dela, apenas a Princesa Isabel havia ocupado uma cadeira no Senado, por direito dinástico. Ao contrário da figura monárquica, Eunice enfrentou resistências tanto veladas quanto explícitas. Apesar de sua competência e capacidade de articulação, nenhum de seus projetos de lei foi aprovado durante seu primeiro mandato. Somente em 1986, já como deputada federal, ela conseguiu avançar, apoiada pela força emergente da bancada feminina. Também vemos mulheres no Rio de Janeiro em 1933, votando pela primeira vez. A fotografia mostra senhoras de chapéu e vestido nas seções eleitorais — cenas que hoje podem parecer corriqueiras, mas que à época eram uma revolução em movimento.

Décadas antes, em 1929, a potiguar Alzira Soriano já havia feito história ao se tornar a primeira mulher a ocupar o cargo de prefeita no Brasil e na América Latina, em Lajes (RN). Em uma das imagens mais conhecidas de sua posse, ela aparece cercada por homens engravatados, destacando-se com seu chapéu e porte altivo, em uma solenidade que parecia lhe negar, ao mesmo tempo que reconhecia, seu espaço de poder. Outra fotografia histórica revela Laélia de Alcântara, professora e líder comunitária, ao lado do então presidente do Senado, Jarbas Passarinho. Foi a primeira mulher negra a discursar no plenário do Senado Federal, em um momento que rompeu camadas de invisibilidade e racismo institucional.

A médica Nise da Silveira, retratada em fotografia já idosa mas sempre ativa, representa outro tipo de liderança. Psiquiatra humanista, revolucionou os tratamentos no Brasil ao recusar práticas agressivas como o eletrochoque e investir na arte e no afeto como forma de cuidado. Sua imagem, muitas vezes ao lado de pacientes ou obras criadas nos ateliês do hospital,

ecoa uma forma de poder baseada na escuta.

Essa imagem expressa com clareza a lógica da presença em exceção. Rosa Weber tornou-se apenas a terceira mulher a presidir o Supremo Tribunal Federal desde sua fundação, sucedendo Ellen Gracie e Carmem Lúcia. Em um tribunal centenário, com composição historicamente masculina, sua ascensão representa um marco — mas também evidencia o ritmo lento das mudanças estruturais. Durante seu mandato, Weber foi reconhecida pela postura firme em temas de direitos fundamentais e pela condução institucional pautada pela sobriedade. Na fotografia, ela aparece no centro da cena, rodeada por colegas homens, todos de toga — um retrato silencioso do desequilíbrio persistente nas esferas de poder. O contraste visual não deixa dúvidas: a conquista individual de Rosa Weber não esconde o fato de que a paridade de gênero ainda é uma promessa por cumprir no Judiciário brasileiro.

Essas imagens, capturadas ao longo dois séculos, têm em comum algo que vai muito além da estética: são documentos de presença, afirmação e resistência. Cada uma delas rompe uma camada de silêncio, afirmando que a história não foi feita apenas por homens — e que a presença feminina é parte essencial da construção do país. Elas mostram que representatividade não se resume a ocupar um cargo. Representar é ser reconhecida, é ter legitimidade, é construir referências para que outras mulheres possam se enxergar como líderes, cientistas, artistas, tomadoras de decisão.

Ainda assim, a presença da mulher nos espaços de poder segue marcada pela lógica da exceção. A mulher que lidera, muitas vezes, é tratada como anomalia — uma visita temporária a um espaço que ainda se presume masculino. Os rostos mudam, os nomes se renovam, mas a cena permanece: uma mulher cercada por dezenas de homens. A obra ***Muito mais que um rosto bonito*** é, portanto, uma provocação. Uma recusa à superficialidade com que frequentemente se olha para o poder feminino. Porque representar não é apenas estar. É influenciar decisões, escrever leis, criar políticas públicas, redesenhar futuros. E, para isso, é preciso mais que aparência: é preciso espaço, escuta e poder real de ação.

A palavra mulher

Bertha Lutz, cientista, sufragista e diplomata brasileira, foi uma das quatro mulheres que assinaram a Carta das Nações Unidas, firmada em São Francisco em 26 de junho de 1945, ao fim da Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional. Bertha desempenhou um papel decisivo ao garantir a inclusão de referências explícitas ao princípio da igualdade de gênero nos artigos 1 e 8 da Carta. A principal disputa na ocasião dizia respeito à

menção direta à palavra “mulher”. A obra ***A palavra mulher*** parte da luta de Bertha Lutz para destacar a importância de nomear o que historicamente foi omitido. Ao insistir na inclusão da palavra “mulher” na Carta da ONU, Bertha denunciava que a ausência de nomeação também é uma forma de exclusão — e que dizer “mulher” é um ato político de reconhecimento e existência.

Entre os 160 delegados de 50 países que permaneceram até o final das negociações e contribuíram para a redação definitiva do tratado, apenas quatro eram mulheres: além de Bertha Lutz, participaram Virginia Gildersleeve (Estados Unidos), Minerva Bernardino (República Dominicana) e Wu Yi-fang (China). No entanto, somente Minerva Bernardino apoiou ativamente a iniciativa de Lutz — formando com ela uma dupla latino-americana que teve um papel histórico na defesa dos direitos das mulheres na fundação da ONU.

Artigo 1- 3. Conseguir uma cooperação internacional para resolver os problemas internacionais de caráter econômico, social, cultural ou humanitário; promover e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião. **Artigo 8-** As Nações Unidas não farão restrições quanto à elegibilidade de homens e mulheres destinados a participar, em qualquer caráter e em condições de igualdade, em seus órgãos principais e subsidiários.

Dos dados e fatos.
O abismo entre mérito e oportunidade: Representatividade feminina

Em um país onde apenas 16,9% das presidências de grandes empresas são ocupadas por mulheres (Panorama Mulher 2024), o livro de artista ***Representatividade feminina*** traz um olhar crítico sobre os bastidores do poder corporativo. A obra reúne registros semanais de promoções a cargos de alto escalão divulgadas pela imprensa brasileira ao longo de 2024, cruzando esses anúncios com dados estatísticos de gênero. Ao transformar números frios em narrativa sensível, o livro expõe o abismo entre mérito e oportunidade e desafia a naturalização da desigualdade nas estruturas de liderança.

A experimentação da liberdade

Colorida, tátil e enigmática, a instalação ***Vem sem manual*** convida o público à experimentação e à reflexão. Composta por 18 blocos têxteis de diversos tamanhos, cores e texturas, todos com tiras de velcro que permitem múltiplas formas de encaixe, a obra não possui regras nem instruções. O visitante é instigado a criar livremente, tornando-se autor da própria montagem. Essa ausência de manual simboliza a desconstrução dos

moldes fixos que sustentam normas sociais e de gênero. Ao desmontar estruturas simbólicas, ***Vem sem manual*** propõe a liberdade como princípio de reinvenção e questiona a rigidez das identidades impostas.

Quem é você?: autorrepresentação e resistência

No centro da instalação, a pergunta “Quem é você para além das etiquetas sociais?” ressoa como convite ao exercício da autorrepresentação. O gesto é simples — escrever, desenhar, responder —, mas gera um mosaico vivo de identidades diversas, complexas e muitas vezes contraditórias. A obra interativa ***Quem é você?*** funciona como espaço de escuta e expressão, desafiando rótulos e abrindo brechas para a pluralidade. Em um contexto marcado por normatizações e silenciamentos, a proposta surge como um ato radical de resistência e afirmação.

Quantas somos?

Nas ruas, nas redes e nas urnas, a provocação permanece: quantas mulheres ocupam de fato os espaços de decisão no Brasil? A série de lambes ***Democracia em processo*** leva essa reflexão aos muros da cidade. Com 17 lambe-lambes que combinam frases curtas, dados estatísticos e trechos de discursos históricos, a obra transforma o cartaz de rua em plataforma crítica. Sua linguagem direta amplia o alcance da mensagem, convocando, interpela e mobiliza o público. Em meio a retrocessos e disputas narrativas, ***Democracia em processo*** reafirma uma verdade essencial: não há democracia plena sem equidade de gênero.

Os dados mais recentes do IBGE reforçam o abismo:

- O Brasil tem 104,5 milhões de mulheres, o que representa 51,5% da população (Censo 2022). A maioria se identifica como negra.
- Em 2023, 40,2 milhões de lares tinham uma mulher como responsável – 56,4% delas pretas ou pardas.
- Mulheres ganham, em média, 19,4% a menos que os homens (Pnad Contínua, 2022).
- Mulheres negras ganham 50% do rendimento de um homem branco.
- Apenas 6% das maiores empresas brasileiras têm mulheres em seus cargos de liderança.
- Em empresas de médio porte, mulheres ocupam 37% dos cargos de liderança – número que caiu 2% em relação ao ano anterior (Instituto Ipsos, 2023).
- No setor público federal, 42,4% dos cargos de alta liderança são ocupados por mulheres, sendo apenas 15% delas pretas ou pardas (RAI/CGU, 2023).

A exposição ***Lugar de Poder: Muito mais que um rosto bonito***

desafia a visão superficial do poder feminino. Aqui, o rosto bonito não é enfeite: é símbolo, é presença, é história. Apresenta retratos, vídeos e documentos que revelam as múltiplas camadas de luta, exclusão, resistência e reexistência das mulheres em espaços de decisão. Mais que um registro, é um exercício coletivo de memória e projeção, que devolve às mulheres o direito de ocupar, transformar e reescrever o poder — entendido não apenas como cargo, mas como território construído com afeto, criatividade e justiça.



Locus of Power: Beauty Is Not the Measure

By Renata Freitas

The presence of women in leadership positions is a barometer of democracy and equity in any society. The exhibition **Locus of Power: Beauty Is Not the Measure** builds on this premise to create a mosaic of images, documents, testimonies, and artworks that reflect the historical and contemporary journey of Brazilian women toward spaces of decision-making.

It is well known that, for a long time, spaces of power were structured to be occupied by men. Women were left with roles of support, listening, and backing. Although this exclusionary model has been formally overcome, it still persists in institutional dynamics and is reflected in alarming statistics. According to IBGE (2023), although women represent 51.1% of the Brazilian population, they hold only 39.1% of managerial positions in the country. The inequality intensifies in top leadership roles: only 17% of companies have a woman in the CEO position, as reported by the Ethos Institute, in partnership with the IDB and UN Women. This absence is not due to a lack of competence or qualifications. Data from the Continuous PNAD of IBGE (2022) show that Brazilian women have, on average, more years of schooling than men: 9.8 years versus 9.1. Despite this, they still earn, on average, 22% less than their male colleagues in the same roles. The equation is clear: the system still imposes invisible — and visible — barriers to female advancement.

An emblematic example of this historic exclusion is that until 2016, the National Congress did not have a women’s restroom in the Senate plenary — a striking sign of the prolonged absence of women in these decision-making spaces. In the legislative field, institutional precariousness remains evident: maternity leave for parliamentarians, especially at state and municipal levels, continues to lack provision or regulation in the internal rules of most legislative assemblies and city councils in the country.

In practice, this means that when a female parliamentarian needs to take maternity leave, there are no clear guidelines on how her replacement or the continuity of her mandate will be managed. This normative gap creates legal uncertainty and, more worryingly, can result in the temporary suspension of female political representation. Adding to this context is another revealing fact: the typification of political violence against women in Brazil is a recent legislative achievement. Only in 2021 was this form of violence recognized and incorporated into the national legal framework — a fundamental step to ensure gender equity in the full exercise of political rights.

This scenario has been systematically denounced by activists, parliamentarians, and civil society organizations as one of the main obstacles to gender equality in politics. It reveals how Brazilian institutions still operate under a historically exclusionary logic — a logic that fails to fully and equitably contemplate the realities and needs of women exercising power. Complementing this structural analysis of exclusion, a study by the Getúlio Vargas Foundation (FGV), conducted in 2021, revealed that only 13% of leadership positions in Brazil’s 500 largest companies are held by Black women — a group that simultaneously faces the effects of racism and structural sexism. This is a persistent invisibility, so often naturalized that it is barely perceived. This exhibition project aims precisely to break this cycle of erasure: to make visible those who have always been present — women who have always worked, led, and sustained communities, but historically have not had their names inscribed on marble plaques or power records. According to the World Economic Forum (2023), Brazil ranks 57th in the global gender equality index — behind countries such as Rwanda, the Philippines, and Bolivia. The international projection is alarming: if the current pace is maintained, the world will take approximately 131 years to achieve full parity between men and women. In light of this estimate, there is no doubt that urgency is needed. Art, as a field of critique, memory, and imagination, plays an essential role in accelerating this process — creating possible futures where today gaps, silences, and omissions prevail.

Place of power is a place of listening, building, and change

If this exhibition starts with the question “Who represents Brazil?”, it does not offer a single answer but proposes multiple hearings. Each artwork, each data point, each image here is a call to action — an invitation to recognize that female presence in decision-making spaces is a matter of justice, democracy, and humanity. The place of power can no longer remain the privilege of a few. It is a territory to be disputed, reimagined, and occupied — not only with beautiful faces but with voices, bodies, and ideas that

have historically been silenced. As philosopher and researcher Djamila Ribeiro points out in her works, it is not just about including women in spaces of power, but transforming the structures that have historically excluded them.

In 2024, Erika Hilton, the first Black transgender federal deputy elected in Brazil, was verbally assaulted by a colleague to whom she responded with the iconic speech. **I Refuse to Tolerate** — honors the resistance and resilience of women through Erika’s speech: “I will not tolerate being disrespected, interrupted, or subjected to low-level, vulgar comparisons. Those who escape this diplomacy will have to answer criminally for any stereotyped and criminal attempts against my identity.”

Female exclusion repeats itself in different spheres of power. The artwork **Immortality’s Chairs** highlights the history of the Brazilian Academy of Letters, created in 1897. Only in 1977 was Rachel de Queiroz accepted as the first female immortal. Since then, among the 294 people who have occupied the 40 chairs of the ABL, only 12 are women. The first Black writer, Ana Maria Gonçalves, was elected in July 2025. None have been Indigenous or transgender so far.

Are we, or are we not, Brazilian citizens? The question, posed by Mietta Santiago to Getúlio Vargas in 1931, echoed as a cry of urgency at the residence of the then head of the provisional government in Belo Horizonte. This moment marked one of the most emblematic episodes in the struggle for women’s suffrage in Brazil, when leaders of the Brazilian Federation for Women’s Progress (FBPF) pressured Vargas to guarantee women’s inclusion in the electoral system. Faced with Vargas’s hesitation to take a direct stance on the issue, Mietta launched the question that would echo for decades as a symbol of structural exclusion faced by Brazilian women. Mietta, a lawyer, poet, and activist from Minas Gerais, had already made history by filing a writ of mandamus in 1928 that guaranteed her the right to vote, based on the interpretation of Article 70 of the 1891 Constitution — which spoke of “Brazilian citizens” without specifying gender. Her victory opened precedents and strengthened the movement led by Bertha Lutz in Rio de Janeiro and other suffragists across the country. The organized pressure was so strong that in 1932 the new Electoral Code finally recognized women’s right to vote in Brazil — albeit initially restricted to those with their own income or public office.

But the suffrage victory was not only legislative — it was logistical, political, and social. In a country where women were widely discouraged from participating in public life, going to the polls required breaking practical and symbolic barriers. To this end, suffragists developed a series of strategies, including the creation of special daycare centers on election day so that mothers could

vote without worrying about child care. They also organized carpool networks and mobilization among neighbors and colleagues to ensure maximum voter turnout.

The effort was so significant that in the first elections with female participation, a specific area was instituted in polling stations called the “Marias Section” — a symbolic but also segregated space that revealed both the achievement and the limits of inclusion at that historical moment.

The artwork **The Marias’ Voting Section**, part of the exhibition **Locus of Power: Beauty Is Not the Measure**, delves into this little-known episode of national political history. Through documents, visual records, and artistic reinterpretations, the installation reconstructs the environment of these first female ballot boxes, questioning: why was it necessary to separate female voters? What does this gesture reveal about how female presence was tolerated rather than fully accepted in decision-making spaces?

The artwork **Are we women, Brazilian citizens or not?** reenacts the moment of verbal confrontation between Mietta Santiago and Getúlio Vargas as a landmark of political insurgency. The question, re-signified in the exhibition space, becomes a permanent provocation: to what extent has full citizenship for women been — and continues to be — conditioned, limited, and postponed? By bringing these works into dialogue, the exhibition rescues fundamental episodes of the fight for women’s voting rights and invites the public to reflect on ongoing challenges. Because democracy is not made only with the right to vote — it demands voice, presence, and real decision-making power.

This is not about celebrating isolated icons but about denouncing structures, presenting data, valuing memories, and provoking thought. In times of setbacks and resistance, making this listening is also a way of governing the future.

Recognizing Now: Time and Gesture as Political Acts

Two artworks from the exhibition **Locus of Power: Beauty Is Not the Measure** remind us that female recognition should neither be postponed to the future nor relegated to memory. In the piece **Zeitgeist**, the artist proposes a visual manifesto against posthumous homage — that all-too-common tendency to value women only once they are no longer with us. The work questions the recurring praise of “women ahead of their time,” an expression that often masks the negligence with which female contributions are treated in the present.

The piece is a call to the urgency of now. It celebrates women who shape the contemporary through their gestures, decisions, creations, and resistances. And it summons us to an ethical commitment: to recognize, while alive, those who move structures

and reshape horizons. Because waiting for the future to value what is done today is a form of silencing.

Next to it, the artwork **Handshake** presents a direct and powerful symbol: the gesture of equality. It is an agreement, but not submission — it is the encounter of equals. The handshake here is both metaphor and image of mutual respect, of a possible balance among human beings. In times of structural inequality, this simple gesture becomes a political act.

Together, these two works engage in a dialogue about time and relationship. One tells us: recognizing women cannot be a retroactive act. The other insists: equity is only realized when we stop measuring strength and start building together. Both speak of the present — and it is here that women’s power must be legitimized. Not later. Not in memory. But now.

From Hands to the Constitution: The Letter That Changed Brazil

Women from all regions of the country united their voices and achievements in the historic Women’s Letter, which secured fundamental rights in the 1988 Constitution.

In the years preceding the 1988 Constitution, women organized within the National Council for Women’s Rights (CNDM), known as the “Lipstick Lobby,” gathered letters sent by women from all over Brazil. These letters were written by hands that work the land, the factory, the school, and the home. They came from rural and urban areas, demanding basic rights, equality, and justice.

The artwork **Their Letters Come from All Over Brazil** tells the story of hundreds of women who took part in this fundamental civil participation movement. The letter was presented to the Constituent Assembly with the emblematic signature made by Ana, Maria, Joana, Amparo... “We, Brazilian women.”

It was the most successful female collective movement in the country’s political history. 85% of the proposals indicated in the Brazilian Women’s Letter to the Constituent Assembly were incorporated into the 1988 Constitution.

The moment of victory was captured in a historic photograph in the Senate plenary: women from diverse backgrounds celebrating with raised arms, flowers in their hands, and placards in the galleries. It was the triumph of the Lipstick Lobby.

The artwork **Lipstick Lobby**, directly inspired by this image, transforms the photographic record into a symbol of collective achievement. By highlighting the gestures of celebration and the presence of women in that space of power, the piece reaffirms the political place of those who helped write the Constitution with their own hands.

Hidden Gazes, Revealed Power

In 2011, President Dilma Rousseff sanctioned two fundamental laws for transparency and the preservation of Brazil’s historical memory. The first created the National Truth Commission, responsible for investigating serious human rights violations committed between 1946 and 1988, including the military dictatorship (1964–1985). The second was the Access to Public Information Law, which ended the eternal secrecy of official documents, allowing access to previously inaccessible archives.

Among the released documents and images stands out a photograph from Dilma’s own trial. In the image, she appears seated, with a firm and distant gaze, while the men around her — her torturers — hide their faces: a gesture of cowardice and shame in front of the camera, as if trying to erase the crime itself. This photo inspired the artwork **I Carry My Power Within Me**, which recalls the president’s phrase during her imprisonment: “They want you to lose your dignity.” It evokes the inner strength and resistance that sustained Dilma and so many other women during the dark years of the dictatorship, reinforcing the importance of memory and the fight for human rights.

Not a flower, a lady, or a doll. She was a congresswoman. She was a mayor. She was a minister. She was a poet. She was a scientist.

In a country where women are the majority of the population but a minority in decision-making spaces, the image remains a field of political contestation. Photographs from yesterday and today help narrate a story marked by slow achievements, invisibilities, and persistent resistance.

On February 24, 1932, Brazil took a decisive step toward democracy by officially recognizing women’s right to vote. The advance, although late and limited — since it only benefited literate women — represented a break from centuries of exclusion and the beginning of a struggle far from over. Among the symbolic milestones of this trajectory stands the image of Carlota Pereira de Queirós, physician and educator, signing the 1934 Constitution. The first female federal deputy in Brazil, Carlota was also the only woman present at that year’s Constituent Assembly. The photograph captures the solemn moment when she, standing firm with pen in hand, inscribed the names of Brazilian women into the country’s political history.

Forty-five years later, Eunice Michiles — the first woman to hold a seat in the Federal Senate after redemocratization — is portrayed seated at a table, with a bouquet of flowers carefully arranged before her. The gesture, though at first glance seemingly courteous,

carries layers of symbolism and ambiguity. In an interview, Eunice recalled her inauguration in 1979: “I was received with flowers and poetry — which was, nevertheless, a form of discrimination. I realized immediately that it was a reception to the lady, not the colleague.” The image crystallizes the contrast between celebrating female presence and the difficulty in recognizing her as a political equal. The flowers, which could symbolize a welcome, become, under critical reading, an emblem of subtle resistance toward a woman daring to occupy a space historically reserved for men. Before her, only Princess Isabel had held a seat in the Senate by dynastic right. Unlike the monarchical figure, Eunice faced both veiled and explicit resistance. Despite her competence and ability to navigate politics, none of her bills were approved during her first term. Only in 1986, already as a federal deputy, did she advance, supported by the emerging strength of the female caucus.

We also see women voting in Rio de Janeiro in 1933 for the first time. The photograph shows ladies in hats and dresses in polling stations — scenes that may seem ordinary today but were a revolution in motion at the time.

Decades earlier, in 1929, Alzira Soriano from Rio Grande do Norte made history by becoming the first woman to hold the office of mayor in Brazil and Latin America, in Lajes (RN). In one of the most well-known images of her inauguration, she appears surrounded by suited men, standing out with her hat and dignified posture, at a ceremony that seemed to deny and acknowledge her space of power simultaneously.

Another historic photograph reveals Laélia de Alcântara, teacher and community leader, beside the then Senate president Jarbas Passarinho. She was the first Black woman to speak in the Federal Senate plenary, in a moment that broke layers of invisibility and institutional racism.

The physician Nise da Silveira, depicted in photographs elderly but always active, represents another kind of leadership. A humanist psychiatrist, she revolutionized treatments in Brazil by rejecting aggressive practices such as electroshock and investing in art and affection as forms of care. Her image, often alongside patients or artworks created in hospital studios, echoes a form of power based on listening.

This image clearly expresses the logic of exceptional presence. Rosa Weber became only the third woman to preside over the Federal Supreme Court since its foundation, succeeding Ellen Gracie and Carmem Lúcia. In a century-old court with a historically male composition, her rise represents a milestone — but also highlights the slow pace of structural change. During her term, Weber was recognized for her firm stance on fundamental rights and her institutional leadership marked by sobriety. In the

photograph, she appears at the center of the scene, surrounded by male colleagues, all in robes — a silent portrait of persistent imbalance in spheres of power. The visual contrast leaves no doubt: Rosa Weber’s individual achievement does not hide the fact that gender parity remains an unfulfilled promise in the Brazilian judiciary.

These images, captured over two centuries, share something that goes far beyond aesthetics: they are documents of presence, affirmation, and resistance. Each breaks a layer of silence, affirming that history was not made by men alone — and that female presence is an essential part of the country’s construction. They show that representation is not just about holding a position. To represent is to be recognized, to have legitimacy, to build references so other women can see themselves as leaders, scientists, artists, decision-makers.

Still, women’s presence in power spaces remains marked by the logic of exception. The woman who leads is often treated as an anomaly — a temporary visitor to a space still presumed male. Faces change, names renew, but the scene remains: a woman surrounded by dozens of men. The artwork **Beauty Is Not the Measure**, therefore, a provocation. A refusal of the superficial way female power is often seen. Because representing is not just about being there. It is about influencing decisions, writing laws, creating public policies, redesigning futures. And for that, more than appearance is needed: space, listening, and real power to act.

The Word Woman

Bertha Lutz, Brazilian scientist, suffragist, and diplomat, was one of four women who signed the United Nations Charter, signed in San Francisco on June 26, 1945, at the conclusion of the United Nations Conference on International Organization. Bertha played a decisive role in securing the inclusion of explicit references to the principle of gender equality in Articles 1 and 8 of the Charter. The main dispute at the time concerned the direct mention of the word “woman.”

The artwork **The Word Woman** stems from Bertha Lutz’s struggle to highlight the importance of naming what has historically been omitted. By insisting on the inclusion of the word “woman” in the UN Charter, Bertha denounced that the absence of naming is also a form of exclusion — and that saying “woman” is a political act of recognition and existence.

Among the 160 delegates from 50 countries who remained until the end of the negotiations and contributed to the final drafting of the treaty, only four were women: besides Bertha Lutz, there were Virginia Gildersleeve (United States), Minerva Bernardino

(Dominican Republic), and Wu Yi-fang (China). However, only Minerva Bernardino actively supported Lutz’s initiative — forming with her a Latin American duo that played a historic role in defending women’s rights in the founding of the UN.

Article 1 - 3: Achieve international cooperation to solve international problems of an economic, social, cultural, or humanitarian character; promote and encourage respect for human rights and fundamental freedoms for all, without distinction as to race, sex, language, or religion.

Article 8: The United Nations shall not make any restrictions on the eligibility of men and women to participate, on equal terms, in its principal and subsidiary organs.

From Data and Facts.

The Gap Between Merit and Opportunity: Female Representation

In a country where only 16.9% of the presidencies of large companies are held by women (Panorama Mulher 2024), the artist book **Female Representation** offers a critical look behind the scenes of corporate power. The work compiles weekly records of promotions to senior positions published by the Brazilian press throughout 2024, cross-referencing these announcements with gender statistical data. By transforming cold numbers into a sensitive narrative, the book exposes the chasm between merit and opportunity and challenges the naturalization of inequality within leadership structures.

The Experimentation of Freedom

Colorful, tactile, and enigmatic, the installation **Comes Without a Manual** invites the public to experiment and reflect. Composed of 18 textile blocks of various sizes, colors, and textures, all equipped with velcro strips allowing multiple ways to connect, the work has no rules or instructions. Visitors are encouraged to create freely, becoming authors of their own assembly.

This absence of a manual symbolizes the deconstruction of fixed molds that uphold social and gender norms. By dismantling symbolic structures, Comes Without a Manual proposes freedom as a principle of reinvention and questions the rigidity of imposed identities.

Who Are You?: Self-Representation and Resistance

At the center of the installation, the question “Who are you beyond social labels?” resonates as an invitation to the exercise of self-representation. The gesture is simple — write, draw,

respond — yet it creates a living mosaic of diverse, complex, and often contradictory identities. The interactive work **Who Are You?** functions as a space of listening and expression, challenging labels and opening gaps for plurality. In a context marked by normalization and silencing, the proposal emerges as a radical act of resistance and affirmation.

How Many Are We?

On the streets, on social media, and at the polls, the provocation remains: how many women truly occupy decision-making spaces in Brazil? The series of posters Democracy in the Making takes this reflection to the city walls. With 17 street posters combining short phrases, statistical data, and excerpts from historical speeches, the work transforms the street poster into a critical platform. Its direct language expands the reach of the message, calling, challenging, and mobilizing the public. Amid setbacks and narrative disputes, **Democracy in the Making** reaffirms an essential truth: there is no full democracy without gender equity.

Recent data from IBGE reinforce the gap:

- Brazil has 104.5 million women, representing 51.5% of the population (2022 Census). The majority identify as Black.
- In 2023, 40.2 million households had a woman as head of household — 56.4% of them Black or Brown.
- Women earn, on average, 19.4% less than men (PNAD Continuous, 2022).
- Black women earn 50% of the income of white men.
- Only 6% of the largest Brazilian companies have women in leadership positions.
- In medium-sized companies, women hold 37% of leadership positions — a 2% decrease from the previous year (Ipsos Institute, 2023).
- In the federal public sector, 42.4% of senior leadership positions are held by women, with only 15% of them Black or Brown (RAL/CGU, 2023).

The exhibition **Locus of Power: Beauty Is Not The Measure** challenges the superficial view of female power. Here, the pretty face is not a decoration: it is symbol, presence, history. It presents portraits, videos, and documents that reveal the multiple layers of struggle, exclusion, resistance, and re-existence of women in decision-making spaces. More than a record, it is a collective exercise of memory and projection, restoring to women the right to occupy, transform, and rewrite power — understood not only as a position, but as a territory built with affection, creativity, and justice.



Renata Freitas

Nascida em São José dos Campos (SP), é artista visual, designer e pesquisadora. Sua produção emerge de uma investigação crítica sobre gênero, poder e representatividade, articulando diferentes linguagens — como pintura, lambe-lambe, escultura, instalações e publicações — para refletir sobre a construção do ser e existir como mulher no imaginário social contemporâneo. Suas obras tensionam as fronteiras entre arte, dados e política, abordando a ausência de mulheres nos espaços de decisão.

Ancorada em estatísticas, documentos institucionais, mídias e políticas públicas, Freitas propõe uma arte documental que identifica, questiona e reinventa. Suas obras não apenas denunciam desigualdades de gênero, mas imaginam novas formas de presença simbólica e concreta nos espaços de liderança. Ao unir rigor conceitual, sensibilidade estética e escuta ativa, sua produção visual dialoga com o cotidiano e a memória coletiva das mulheres brasileiras.

Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e graduada em Desenho Industrial pela FAAP, realizou exposições individuais como *Lugar de Poder: Muito mais que um rosto bonito* (2025), contemplada pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo; *Ser e existir no tempo* (2024); e *Escuta-me, tenho algo a dizer* (2024), ambas em São José dos Campos. Participou de coletivas como *Mundividências: arte nas ruas* (2024), financiada pela Lei Paulo Gustavo; *Casa de Mulheres* (MAM-BA, 2024); e foi selecionada para a *Apexart Open Call* (Nova York, 2026). Suas obras integram os acervos do Parque de Inovação Tecnológica de São José dos Campos (PIT-SJC) e do Instituto Mulher Empresa (IME), em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.

Born in São José dos Campos (Brazil), Renata Freitas is a visual artist, designer, and researcher. Her work emerges from a critical investigation into gender, power, and representation, articulating multiple languages — such as painting, street posters (lambe-lambe), sculpture, installations, and publications — to reflect on what it means to be and exist as a woman within the contemporary social imaginary. Her practice explores the boundaries between art, data, and politics, focusing on the underrepresentation of women in decision-making spaces.

Grounded in statistics, institutional reports, media sources, and public policies, Freitas develops a documentary approach to art — one that identifies, questions, and reimagines. Her work not only exposes gender inequalities but also envisions new symbolic and concrete forms of female presence in leadership spaces. By combining conceptual rigor, aesthetic sensitivity, and active listening, her visual language resonates with the everyday realities and collective memory of Brazilian women.

*Freitas holds a PhD and a Master's degree in Communication and Semiotics from PUC-SP and a Bachelor's degree in Industrial Design from FAAP. She has presented solo exhibitions such as *Lugar de Poder: Muito mais que um rosto bonito* (2025), funded by the Fundação Cultural Cassiano Ricardo; *Ser e existir no tempo* (2024); and *Escuta-me, tenho algo a dizer* (2024), both in São José dos Campos. Her group exhibitions include *Mundividências: arte nas ruas* (2024), funded by the Paulo Gustavo Law; *Casa de Mulheres* (MAM-BA, 2024); and the upcoming *Apexart Open Call* show (New York, 2026), for which her project was awarded second place. Her works are part of institutional collections such as the Technological Innovation Park of São José dos Campos (PIT-SJC) and the Instituto Mulher Empresa (IME) in Santa Cruz de la Sierra, Bolivia.*



A exposição **Lugar de Poder: muito mais que um rosto bonito**, da artista Renata Freitas, foi realizada de 6 de maio a 6 de junho de 2025, no Salão Verde do Parque Vicentina Aranha, em São José dos Campos (SP).

Resultado do projeto Representatividade Feminina, a mostra surgiu de uma pesquisa crítica e visual sobre a construção social da mulher na contemporaneidade. Foram apresentadas 17 obras — entre pinturas, livro de artista, instalações interativas e textos — que convidaram o público a refletir sobre a presença e os desafios das mulheres na liderança política brasileira. Ao transformar cenas históricas de luta por espaço político em linguagem artística, as obras estabeleceram um diálogo sensível, crítico e participativo com o público.

Com curadoria de Francela Carrera e produção de Paulo H. Rosa (Galeria Poente), a exposição teve entrada gratuita e foi viabilizada com recursos do Fundo Municipal de Cultura de São José dos Campos. O projeto priorizou o acesso e a inclusão, contando com recursos de acessibilidade como audiodescrição, textos em braille, tradução em Libras, visitas guiadas presenciais e gravadas, tour virtual e publicação impressa aprofundando a pesquisa.

Ao longo do período expositivo, o público também pôde participar de visitas mediadas, oficinas criativas e uma roda de conversa com a artista, fortalecendo os vínculos entre obra, território e comunidade.

Local: Pavilhão São João – Parque Vicentina Aranha
Abertura (vernissage): 6 de maio de 2025, das 18h às 20h
Visitação: Quartas a sextas-feiras, das 12h às 18h; sábados e domingos, das 10h às 16h.

The exhibition **Locus of Power: Beauty Is Not the Measure**, by artist Renata Freitas, was held from May 6 to June 6, 2025, in the Green Hall of Parque Vicentina Aranha, in São José dos Campos, Brazil.

The result of the Female Representation project, the show emerged from a critical and visual research on the social construction of women in contemporary society. Seventeen works were presented — including paintings, an artist’s book, interactive installations, and texts — inviting the public to reflect on the presence and challenges of women in Brazilian political leadership. By transforming historical scenes of the struggle for political space into artistic language, the works established a sensitive, critical, and participatory dialogue with the audience.

Curated by Francela Carrera and produced by Paulo H. Rosa (Galeria Poente), the exhibition was free of charge and made possible with funding from the São José dos Campos Municipal Cultural Fund. The project prioritized access and inclusion, offering accessibility resources such as audio description, braille texts, Brazilian Sign Language interpretation, guided tours (in-person and recorded), a virtual tour, and a printed publication expanding on the research.

Throughout the exhibition period, visitors could also participate in guided tours, creative workshops, and a conversation circle with the artist, strengthening the connections between the artworks, the territory, and the community.

Venue: Pavilhão São João – Parque Vicentina Aranha
Opening (vernissage): May 6, 2025, from 6 p.m. to 8 p.m.
Visiting hours: Wednesday to Friday, 12 p.m. to 6 p.m.; Saturday and Sunday, 10 a.m. to 4 p.m.

Equipe da exposição
Exhibition Staff

Curadoria

Francela Carrera

Produção cultural

Paulo H Rosa

Assistente de produção

Tânia Beta

Estagiários

Lucas Barbedo

Maria Julia Carvalho

Montagem

Herick Reis

Monitoria

Bê Muçouçah

Gael Oliveira

Acessibilidade

ID Conteúdos

Comunicação e design

VS Comunicação

Encadernação

Márcia Boni

Costura

Clara Oh

Felipe Inácio

Serigrafia

Fernando Selmer

Assessoria de imprensa

Ricardo Salem

Fotografia

Beatriz Grassi (obras)

Helena Alves (ateliê e biografia)

Paullo Amarall (abertura)

Wesley M Santos (abertura)

Filmagem

Marcielle Monize

Vinicius Moreira

REALIZAÇÃO



FINANCIAMENTO



FMC/REPRESENTATIVIDADE FEMININA, nº 002/P/2024 - Criação e Exposição em artes visuais - Contrato: beneficiado nº 025/FMC/2024 pelo Fundo Municipal de Cultura. O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva do autor e não representa a opinião dos membros do Conselho Gestor do Fundo Municipal de Cultura ou da Fundação Cultural Cassiano Ricardo.